Aprendizagem Baseada em Problemas

Que educação quero para o futuro?

Patrícia Luíza

A campanha "Que Educação quero para o futuro" é organizada pela Bookess Editora e Livraria Internacional SBS, através de seu programa SBS +Educação.

BOOKESS
SBS +EDUCAÇÃO

QUE EDUCAÇÃO QUERO PARA O FUTURO?

Aprendizagem Baseada em Problemas

Patrícia Luíza

2018

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 3
2 DEDO DE PROSA SOBRE A EDUCAÇÃO NO BRASIL 5
3 CONSIDERAÇÃO FINAL 24
4 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO 27

1 INTRODUÇÃO

Transformar é o verbo que devemos utilizar quando o tema seja educação. E educação é isto: o processo pelo qual os nossos corpos vão ficando iguais às palavras que nos ensinam. Eu não sou eu: eu sou as palavras que os outros plantaram em mim. Como disse Fernando Pessoa: ‘Sou o intervalo entre o meu desejo e aquilo que os desejos dos outros fizeram de mim’.

Pois é! A sociedade em que vivemos é exigente e camufla, ou melhor, elimina aquele ou aquilo que é visto como diferente do padrão chamado ‘normalidade’. Enquanto nos achamos ‘normais’, nada pode nos impedir de ‘aproveitar a vida’ ao máximo: Festas, viagens, compras, carros, tudo o que um ser normal pode usufruir da vida, dita normal, e possível àquele que está formatado no limite da normalidade. A repetição é necessária, porque normalidade é repetição!

Os semitas eram poetas. Escreviam por meio de metáforas. Metáfora é uma palavra que sugere uma outra. Tudo o que está escrito nesse poema se refere a você, a mim, a todos. Antes que se escureça a luz do sol... Sim, chegará o momento em que os seus olhos não verão como viam na mocidade. Os seus braços ficarão fracos e tremerão no seu corpo curvo. As mós - seus dentes - não mais moerão por serem poucos. E a cama pela manhã, tão gostosa no tempo da mocidade, ficará incômoda. Você se levantará tão cedo quanto os pássaros e terá medo de andar por não ver direito o caminho. É preciso ser prudente porque os velhos caem com facilidade por causa de suas pernas bambas e podem quebrar a cabeça do fêmur. Pode até ser que você venha a precisar de uma bengala. Por acaso os moinhos pararão de moer? Não, os moinhos não param de moer. Mas você parará de ouvir. Você está surdo. Seu mundo ficará cada vez mais silencioso. E conversar ficará penoso. Você verá que todos estão rindo. Alguém disse uma coisa engraçada. Mas você não ouviu. Você rirá, não por ter achado graça, mas para que os outros não percebam que você está surdo. Você imaginou uma velhice gostosa. E até comprou um sítio com piscina e árvores. Ah! Que coisa boa, os netos todos reunidos no "Sítio do Vovô ou da Vovó", nos fins de semana! Esqueça. Os interesses dos netos são outros. Eles não gostam de conviver com deficientes.

Eles não aprenderam a conviver com deficientes. Poderiam ter aprendido na escola, mas não aprenderam porque houve pais que protestaram contra a presença dos deficientes.

A primeira tarefa da educação é ensinar as crianças a serem elas mesmas. Isso é extremamente difícil. Frequentemente as escolas esmagam os desejos das crianças com os desejos dos outros que lhes são impostos. O programa da escola, aquela série de saberes que as professoras tentam ensinar, representa os desejos de um outro, que não a criança, do adulto. Talvez um burocrata que pouco entende dos desejos das crianças. É preciso que as escolas ensinem as crianças a tomar consciência dos seus sonhos!

A segunda tarefa da educação é ensinar a conviver. A vida é convivência com uma fantástica variedade de seres, seres humanos, velhos, adultos, crianças, das mais variadas raças, das mais variadas culturas, das mais variadas línguas, animais, plantas, estrelas... Conviver é viver bem em meio a essa diversidade. E parte dessa diversidade são as pessoas portadores de alguma deficiência ou diferença. Elas fazem parte do nosso mundo. Elas têm o direito de estar aqui. Deficiência é como uma flor num jardim de flores maravilhosas que, ao desabrochar, teve uma de suas pétalas cortada por um espinho. Aprender a conviver com a diferença é obrigação de pessoas de sentimentos nobres, capazes de COMPARTILHAR saber, conhecimento, felicidade, respeito, dignidade. É respeito aos direitos humanos!

2 DEDO DE PROSA SOBRE A EDUCAÇÃO NO BRASIL

Há algum tempo a Revista do Professor[1] publicou um artigo cujo título era *Educação e cuidado.* Lá as especialistas em educação iniciaram o debate apresentando alguns verbos, entre eles: orientar, socorrer, consolar, como sinônimos da educação com cuidado.

Foram mais além ao darem forma a algumas interrogações que, nós professores, sempre fazemos: Qual é o trabalho de um educador? Onde ele deve terminar? Qual a função de escola? Que papel o professor desempenha? De monitor? De família?

Mas o que realmente me inculcou, à época, foi a aproximação do cuidado com o consolo e o socorro. Até rimou! Na verdade, se recorrermos ao dicionário da língua portuguesa, teremos que cuidar é imaginar, pensar, meditar, cogitar, excogitar, julgar, supor, aplicar a atenção e tratar. E se então, enveredássemos pela etimologia da palavra, alguns pesquisadores, certamente arregimentariam exércitos compostos por léxicos de todas as formas e tamanhos, na tentativa de se explicar o que não competiria naquele momento.

As pistas que foram deixadas pelo texto, sinalizaram-me a necessidade de compreender que tipo de cuidado, efetivamente devesse ser dispensando quando o assunto seja educação.

Coloquei-me a vasculhar livros, textos, artigos, ou seja, conduzi-me numa busca bibliográfica cujo objetivo era eliminar, expurgar de minha mente, aquela impressão deixada pelo texto, de que cuidado + educação = proteger. Enveredei pelos caminhos das escritas, não todas é claro, de Freire, Saviani, Estrela, Vygotsky, Freinet, Pacheco entre outros, e observei que as bases das transcrições sobre educação de alguns estudiosos ao debruçarem-se nos rastros deixados por aqueles especialistas, à luz do cotidiano, realmente tendiam o cuidado ao ato de dedicar-se a alguém ou alguma coisa.

Peço aqui desculpas por utilizar no discurso a primeira pessoa do singular, mas nessa labuta da procura, estranhamente me deparei com um sujeito ali, em meio ao turbilhão de papéis e ideias. Um professor, sem nome, quieto, calado, disciplinado, todo ouvidos, com a mão cansada a apoiar o rosto, na soleira da janela de uma sala de aula qualquer, daquelas descritas nas pesquisas sobre educação, d´um livro já surrado pelo roçar dos dedos dos tantos investigadores ávidos por esmiuçar as teorias que o tema abrange. Daqueles que todos nós utilizamos nas bibliografias que povoam nossos planos de aula, nossos

---

[1] REVISTA DO PROFESSOR, Porto Alegre, 18 5-8, (72):out./dez. 2002. *Colaboraram na elaboração do texto as professoras Angela C. San Martini Valente, Mônica de Campos Galvão, Valeria Vasques Ferreira, Sandra R. S. Lima, Simone do Conto, Sueli de Camargo Palmen e Lúcia Helena C. Meirelles da CEMEI Dna. Júlia dos S. Dias.*

materiais didáticos, no caudaloso universo dos referenciais teóricos de nossas pesquisas e, nos quais eu buscava respostas às indagações suscitadas por uma passagem contida naquele texto: *Cuidar e Educar envolvem estudo, dedicação, cooperação, cumplicidade e, principalmente, amor de todos os responsáveis pelo processo que é dinâmico e está sempre em evolução.*

E a constatação realizada pelas autoras que:

> *"A colocação de limites é uma atitude de carinho e afeto, tem a função de ajudar as crianças a viverem bem em um grupo social e garantem segurança física e emocional. Portanto, limites claros são necessários e bons e, como as margens de um rio, permitem que ele siga seu curso tranqüilamente. Esse jogo faz parte da formação da sua personalidade: a criança testa, desafia para assimilar e interiorizar o certo e o errado e nós, adultos, temos o dever de direcioná-la para o melhor caminho. É através das relações afetivas com o grupo que a criança aprende a ser responsável, a se relacionar com o meio em que vive, estabelecendo regras de boa convivência com os outros e recebendo elementos indispensáveis para sua formação como cidadão." Revista do Professor, (2002)*

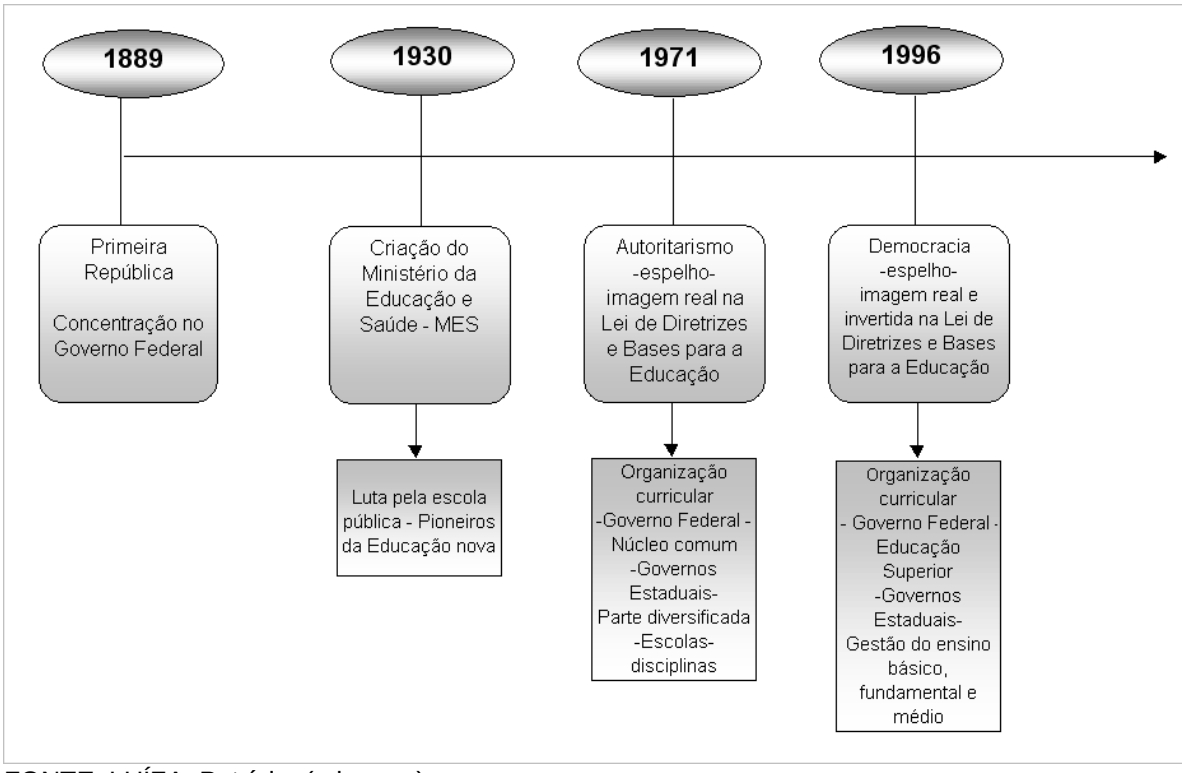
Olhei-o de soslaio, tinha urgência na procura e continuei minha luta insana por encontrar uma solução para o meu dilema. Mas por onde quer que eu caminhasse, lá estava ele, aquele professor, às vezes se movimentava lentamente, outras criativo, elaborava alguma metodologia de ensino, inovadora, porém, sem respaldo teórico e acadêmico, gerando o malogro de toda a iniciativa.

Nesse meu percurso, vi novas tecnologias sendo inseridas naquela mesma sala de aula, em que o professor mantinha-se pensativo e observando-me, sem que ele fosse chamado para a participAÇÃO. Notei que algumas escolas, na expectativa de satisfazerem os desejos de uma sociedade contemporânea e globalizada exigiam posturas pelas quais, aquele professor, no canto da sala, não fora treinado, capacitado ou mesmo, qualificado.

Defrontei-me com um grupo de pessoas, ali também reunidas, no canto oposto ao professor, sorrindo, falando, gesticulando e discutindo, num gerúndio constante, sobre indisciplina e educação. Decidi, momentaneamente, ouvir todo aquele enredo. Eram alunos de nível superior, que desenvolviam dissertações e trabalhos diversos seguindo as pistas deixadas pelos teóricos, como metas impostas por seus orientadores.

Aproveitei o momento e rascunhei um resumo sobre a história da educação brasileira de tudo que vi, li e ouvi, conforme mostra a FIG.1.

FIGURA 1
Síntese da história da educação no Brasil.



FONTE: LUÍZA, Patrícia. (mimeog.)

Antes de chegar a esse sumário, caminhei por corredores frios, pelos quais grandes vultos[2] da política educacional brasileira passaram. Observei ainda que, nos currículos dos de ontem e dos de hoje, em momento algum pode-se encontrar rastros da decantada pedagogia. No mural dessa história, empoeirada e altamente conservadora, tem-se muitos juristas, bacharéis em direito, economistas, alguns médicos, poucos engenheiros e até graduados em ciências militares. Essa trupe tem povoado o seleto grupo de ministeriáveis em educação. Na maioria deles poder-se-á encontrar o adjetivo educador.

- Educador não é aquele que educa? Existe graduação para isso? Perguntei em voz alta, na esperança de ouvir uma resposta convincente.

O professor esboçou um sorriso maroto, daqueles que só os sábios utilizam quando preferem o silêncio ao símbolos vocálicos. Quanto ao grupo de estudantes, penso que nem me perceberam, ou para minha indignação, fingiram não me ouvir.

Ah! Quer saber, penso mesmo é que eles precisariam de tempo para elaborarem uma resposta à indagação. Talvez meu questionamento fugisse ao limite estabelecido para a pesquisa que se detinham. A metodologia de pesquisa científica, uma disciplina que compõe toda e qualquer matriz

[2] BRASIL. Órgãos do Mec e Universidades. Brasília: Ministério da Educação e Cultura – Secretaria Geral: serviço de documentação. 1970, 447p.

curricular de cursos superiores no Brasil, é racional e clara, para a redação de um bom trabalho atenha-se ao objeto da pesquisa, ignore o que seja desnecessário.

Pois bem, em face a mais esta indagação, recorri a Saviani (2008)[3], "*Efetivamente a educação aparece como uma realidade irredutível nas sociedades humanas. Sua origem confunde-se com as origens do próprio homem*." Para ele a educação, desde a *paidéia* grega, passando por Roma e pela Idade Média, chegou aos tempos modernos associada ao termo pedagogia. Dessa maneira, o autor afirma que Comenius equacionou a questão metodológica, construindo um sistema pedagógico como uma arte de ensinar tudo a todos, assim como, para Durkheim, a pedagogia é uma teoria prática.

Saviani (2008) observou a existência do pensamento de que é da práxis docente que virá a formação pedagógico-didática e alerta que a instituição formadora deverá assegurar, deliberada e sistematicamente, por intermédio da organização curricular, a preparação didática dos professores. Aproveitei o legado de Saviani para fazer um rápido passeio pela pedagogia no Brasil. Mesmo com a vinda dos jesuítas, em 1549, somente em 1871, foi utilizada, pela primeira vez na história da educação brasileira, a palavra pedagogia. Não compreendendo o seu significado, os especialistas da época, traduziram-na como "instrução pública'. Foi também nesse ano, que pela primeira vez, observou-se a preocupação com a formação dos professores, porém, só 21 anos depois foi instituído o curso superior da Escola Normal, com finalidade de formação de professores. Bem mais tarde, em 1931, surgiu a Faculdade de Educação, Ciências e Letras.

O curso de pedagogia foi organizado, inicialmente após a promulgação do Decreto-Lei nº 1.190/39 que estabeleceu a Faculdade Nacional de Filosofia. Esse decreto instituiu um currículo fechado e não vinculado aos processos de investigação sobre os temas e problemas da educação. Essa formação só foi modificada em 1961, com a aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases-LDB – Lei nº 4.024/61.

Em 1968, pela Lei nº 5.540/68, ocorreu nova regulamentação do curso e, em 1969, a Lei nº 464/69 fixou os mínimos de conteúdo e duração a serem observados na organização do curso de Pedagogia. Em 1972, o parecer do Conselho Federal de Educação exigiu experiência de magistério anterior ao ingresso no curso ou à obtenção do diploma. Nesse momento, enfatiza que o pedagogo foi taxado de generalista, pois se procurou privilegiar a formação de técnicos por meio das habilitações com funções supostamente bem específicas no âmbito das escolas e sistemas de ensino que configurariam um mercado de trabalho, demandando em consequência, os profissionais com uma formação específica que seria sugerida pelo curso de pedagogia.

---

[3] SAVIANI, Dermeval. A pedagogia no Brasil: história e teoria. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção Memória da Educação)

Diante dessa *marafunda* toda, lá sentado, o professor, em tom baixo, falou pela primeira vez:

– Compreende agora o meu drama?

Fiz o mesmo que os estudantes, não respondi e continuei a minha pesquisa, seduzida pela história política da educação no Brasil.

Mais à frente pude observar diferentes tendências pedagógicas no período da ditadura, após 1970. Aturdidos ficaram os professores, constatação feita por Saviani, pois se "*tinham uma cabeça escolanovista*", operavam numa materialidade escolar pertinente à educação tradicional. Agravava-se a situação diante das exigências de planejamento e racionalização desencadeadas pela pedagogia oficial, que incluíam o preenchimento de formulários, a operacionalização de objetivos educacionais etc. Caso ignorassem as exigências desse tecnicismo, eram acusados de não atenderem a critérios de eficiência e produtividade.

Nesse momento, fiz um *pit stop*, fechei um dos livros que apoiava a minha angústia, e com repousei o olhar perdido naquele mesmo professor. Ele agora estava com a mão direita erguida, sujeito disciplinado como ele só, pronto para novamente cativar-me com uma pergunta.

Fixei-lhe os olhos e como se não compreendesse aquele gesto por ele manifestado, mandei-lhe de pronto uma pergunta:

- E aí? O que me diz sobre as tais tendências crítico reprodutivistas? Mais uma vez nem esperei resposta. Andando de um lado ao outro, no pequeno espaço a mim reservado, como que se nesse ir e vir conseguisse elaborar algum tipo de pensamento, refleti em voz alta:

- Quanta teoria descrita só no período pós ditadura, e nada! A educação, no Brasil, ora tem sido humanista, ora populista, por vezes reflexiva, de outras questionadora, mas sempre política. Política porque envolve o saber. O saber é um instrumento de poder que possibilita o domínio, a contenção, o zelo, a proteção, o cuidado. Nossa! O cuidado! Ufa! (Respirei fundo...)

A sensação do dever cumprido encorajou-me a regozijar-me aos gritos:

– Encontrei a relação entre cuidado e educação e agora sei do seu significado convergente ao controle.

O professor, saindo da sua zona de conforto e mantendo a calma, embora inconformado com a minha falta de educação em não prestar atenção às demandas surgidas em todo o meu percurso pesquisado, segurou-me, com cuidado, pelo braço e disse-me de modo firme e revelador:

– Eu sou um sujeito de carne e osso, com sonhos, desejos e limitações. Iniciei minha trajetória acadêmica há alguns anos. Passei por todos

esses ciclones, melhor dizendo, *tsunamis* pedagógicos. Tenho filhos, professo uma religião, e se me permite, entendo um pouco de educação.

E continuou:

– No fogo cruzado do cotidiano, lá do *front*, buscarei sintetizar o que entendo, seja o cuidado na educação. Para isso faz-se necessário abranger três áreas, que se imbricam no eixo do respeito aos direitos humanos:

a) Cuidado ao selecionar o conhecimento.
b) Cuidado na interrelação.
c) Cuidado com o sujeito.

Cuidado em educação, de forma resumida, é respeitar o limite do outro no tocante à capacidade de aprendizagem. É mais que empatia, é resiliência!

É ser capaz de se frustrar e não desistir da luta.

É esperar o momento certo para o ataque, utilizando como arma e munição, a paz e a cidadania.

É ter sabedoria para o silêncio da escuta, e ouvidos, para o ruído da fala.

A possibilidade do embate discursivo inflamou-me e, resmunguei:

– Mas gostaria de saber se é possível ter tanto cuidado, na acepção da palavra, conforme preceituado por você, numa sala de aula, cheia de alunos, com os hormônios à flor da pele e repletos de questionamentos. E aí? Vai manter toda essa postura *zen budista*?

Sem alterar a voz, o professor, respondeu-me:

– Você deve ter imaginado que eu cá encontro-me, nesse canto da sala de aula, desgastado pelo tempo, reativo, distante do todo. Ledo engano! Aqui no meu limite, sei o que tenho que fazer, ensinar. Ensino o que me ensinaram a ensinar. Se não me capacitaram para ultrapassar os limites da criatividade a mim imposto, portanto não o serei. Aprendi que ao extrapolar o meu campo de atuação, a eliminação do jogo será fato. Sabe aquela coisa de *Big Brother*? De paredão, criado pela mídia, cujo objetivo seja atender às demandas da sociedade? Quem fica, quem sai? Depende!

Sinalizei com a cabeça, num gesto de compreensão, e ele deu prosseguimento ao seu raciocínio...

– Pois é, os alunos me incitam a ultrapassar a velocidade todo o tempo. Mas fui treinado para dirigir a 80 km/hora, em qualquer estrada. Se ultrapasso acabo por colidir com meus princípios.

Sempre gostei de ensinar. Quando criança brincava de dar aulas. Transformei o sonho de infância em realidade ao passar no vestibular para pedagogia. Ouvi muitas brincadeiras do tipo: *pedagogia é coisa de mulher à procura de casamento, não é curso prá homem; é um daqueles cursos 'espera marido'; pedagogia não dá emprego; com esse curso, você vai morrer frustrado, e de fome*; *qualquer um passa prá pedagogia*, etc, etc.

Fiz ouvido de mercador e segui minha saga, queria ser professor, desejava transformar o mundo, pensava formar cidadãos, sonhava fazer diferente. Para facilitar-lhe o entendimento, organizei mentalmente a TAB.1, contendo as informações do meu curso de pedagogia, para delírio dos amantes das pesquisas quantitativas:

TABELA 1
Conteúdo médio de um curso de Graduação em Pedagogia

Eixo	**Nº de disciplinas**	**Carga horária**
Específico do Curso de Pedagogia	20	1.226
Complementar de Formação Pedagógica	5	264
Conhecimentos Gerais	6	154
Eletivo	14	792
Práticas docentes e pedagógicas	9	764
Total	**54**	**3.200**

FONTE: LUÍZA, Patrícia. (mimeog.)

Munido dessas horas investidas em educação, graduação em pedagogia, adquiri as seguintes habilidades:

- compreensão ampla e consistente do fenômeno e da prática educativas que se dão em diferentes âmbitos e especialidades;
- compreensão do processo de construção do conhecimento no indivíduo inserido em seu contexto social e cultural;
- capacidade de identificar problemas sócio culturais e educacionais propondo respostas criativas às questões da qualidade do ensino e medidas que visem superar a exclusão social;
- compreensão e valorização das diferentes linguagens manifestas nas sociedades contemporâneas e de sua função na produção do conhecimento;
- compreensão e valorização dos diferentes padrões e produções culturais existentes na sociedade contemporânea;
- capacidade de apreender a dinâmica cultural e de atuar adequadamente em relação ao conjunto de significados que a constituem;
- capacidade para atuar com portadores de necessidades especiais, em diferentes níveis da organização escolar, de modo a assegurar seus direitos de cidadania;
- capacidade para atuar com jovens e adultos defasados em seu processo de escolarização;
- capacidade de estabelecer diálogo entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento;

- capacidade de articular ensino e pesquisa na produção do conhecimento e da prática pedagógica;
- capacidade para dominar processos e meios de comunicação em suas relações com os problemas educacionais;
- capacidade de desenvolver metodologias e materiais pedagógicos adequados à utilização das tecnologias da informação e da comunicação nas práticas educativas;
- compromisso com uma ética de atuação profissional e com a organização democrática da vida em sociedade;
- articulação da atividade educacional nas diferentes formas de gestão educacional, na organização do trabalho pedagógico escolar, no planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas da escola;
- elaboração do projeto pedagógico, sintetizando as atividades de ensino e administração, caracterizadas por categorias comuns como: planejamento, organização, coordenação e avaliação e por valores comuns como: solidariedade, cooperação, responsabilidade e compromisso.

– Quantas habilidades, heim! Exclamei estupefata.

– Viu só?!

– Respondeu-me satisfeito por cativar-me à participação do diálogo.

– Com o meu certificado de graduação estou credenciado para o exercício profissional em áreas específicas de atuação, tais como: educação especial, educação de jovens e adultos, educação indígena, educação ambiental e outras áreas emergentes do campo educacional. Em resumo, minha área de atuação é a docência na educação infantil, nas séries iniciais do ensino fundamental e nas disciplinas da formação pedagógica do nível médio. Sou um grande generalista, como foi apresentado por Saviani, acabo pendendo pela prática.

Teoricamente sou preparado para *identificar problemas sócio culturais e educacionais propondo respostas criativas às questões da qualidade do ensino e medidas que visem superar a exclusão social*. Veja que estou capacitado a impingir uma abordagem adequada observando a metodologia de que a cada evento, um teórico da educação deverá ser exultado. Não é assim o funcionamento da educação no Brasil, cada um "*no seu quadrado*[4]*"?* O meu quadrilátero regular chama-se ensino, embora sinta-me cerceado aos limites das habilidades que meus professores me imputaram, dentro do espaço também a eles estabelecido e assim, sucessivamente. Consegue captar a minha mensagem?

A capacidade de se *estabelecer diálogo entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento* e ainda, *articular ensino e pesquisa na produção do conhecimento e da prática pedagógica*, só serão realizadas

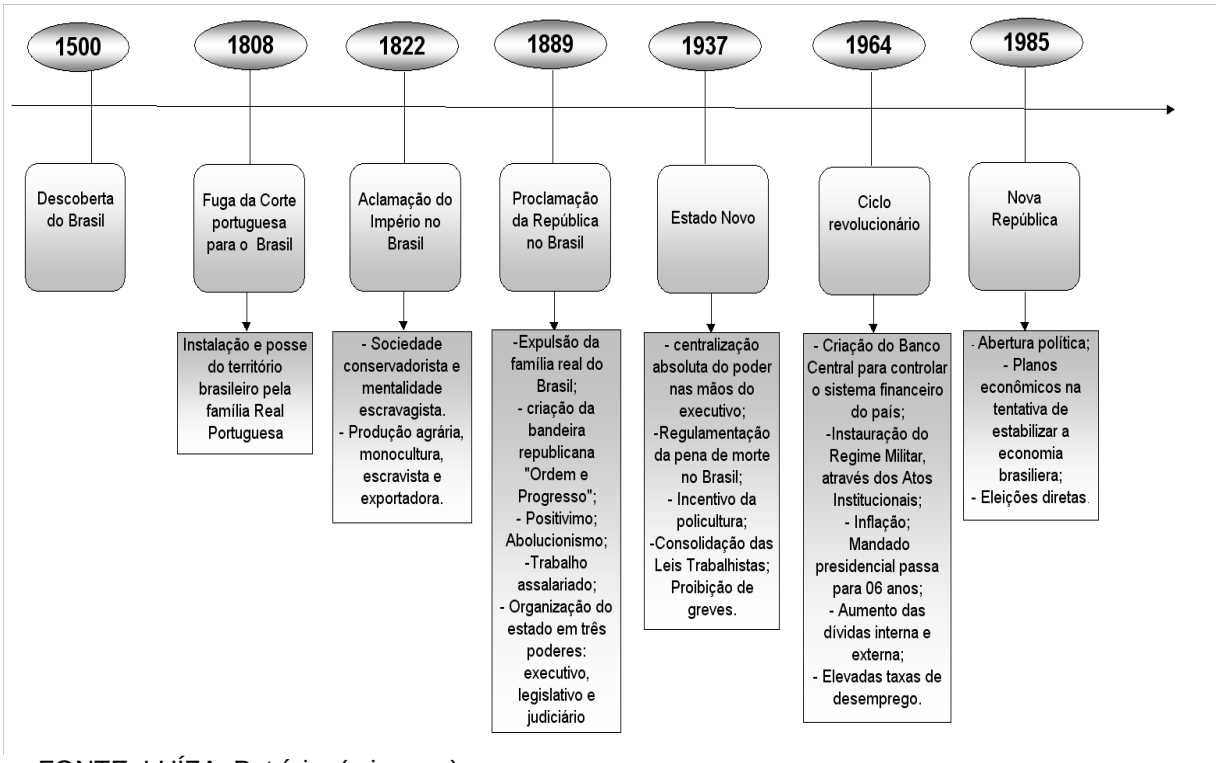
[4] PENSADOR, Gabriel. Paradoxo (letra de música)

quando eu conseguir respirar o espaço extra- sala de aula. Tenho me abrigado diuturnamente na escola, por questões de sobrevivência, salariais mesmo.

Atuar com jovens e adultos defasados em seu processo de escolarização não se limita a teorias e a resultados de pesquisa. Estar no *front*, é tarefa árdua! É sentimento puro!

Assim como você, fiz um resumo da história brasileira[5], que apresento na FIG. 2, também na tentativa de analisar os motivos que nos levam a aproximar cuidado em educação, à proteção.

FIGURA 2
Síntese da história do Brasil



FONTE: LUÍZA, Patrícia. (mimeog.)

Você não examinou, em suas andanças exploratórias, a legislação do ano 2006, do Ministério da Educação ao instituir Diretrizes Curriculares Nacionais ao Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura, definindo princípios, condições de ensino e de aprendizagem, procedimentos a serem observados em seu planejamento e avaliação, pelos órgãos dos sistemas de ensino e pelas instituições de educação superior do país, nos termos explicitados nos Pareceres Conselho Nacional de Educação nos 5/2005 e 3/2006[6]

[5] BRASIL, 500 anos. Volumes I e II, Editora Nova Cultura, 1999.
[6] BRASIL. Resolução Cne/Cp Nº 1, De 15 De Maio De 2006. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p. 11

Atualmente essas normas aplicam-se à formação inicial para o exercício da docência na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, nos cursos de ensino médio, na modalidade normal, e em cursos de educação profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos, a partir de 2007.

Até aquele ano, todo estudante de nível médio, com magistério ou normal superior poderia atuar como professor. Interessante é saber que essa exigência não atinge o nível superior. A demanda no mercado é tão forte no setor educacional, que qualquer pessoa com diploma de graduação poderá tornar-se em professor ou educador de nível superior. O Brasil transformou-se no país das instituições de ensino superior. Em cada esquina pode-se encontrar uma faculdade. Há uma febre de escolas superiores no país, uma premência por posicionar a nação no grupo dos países desenvolvidos, e com isso, tem-se acelerado etapas de aprendizado cuja meta vincula-se à expedição de relatórios, com dados quantitativos justificáveis ao grande investimento dos governos estaduais e federal em educação de qualidade e para todos.

Você poderia até me seduzir com afirmações do tipo: "*Ainda bem que o Governo acordou!* Ou "*de agora para frente, tudo será diferente"*. Mas, para lhe dizer a verdade, isso é papo de Jovem Guarda, nos "*tempos da ditadura*", em que dançávamos *iê-iê-iê* para nos esquecer do quão duro era, e é, viver. O Governo tem rosto, carteira de identidade, CPF, conta bancária. Esse ser cujo nome sofre alteração de quatro em quatro anos, é sempre um brasileiro responsável por representar *o povo* e, certamente foi treinado por um de nós, professores!

Como se pode notar pelo sumário cronológico, as influências do positivismo ainda assombram o Brasil, basta lembrarmos a máxima "*o amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim*". Na história brasileira, que ainda hoje vagueia pela Revolução Industrial, aplica-se a Lei dos Três Estados de Comte[7]. Somos um país de menor tradição cultural e carentes de ideologias para nossos anseios de desenvolvimento. Para o positivismo, a imaginação subordina-se à observação e o que se busca é transformar o observado em concreto. Entenda-se por concreto, as leis, o controle e por fim, os cuidados com a moral e a ética.

Silva [s.d][8] me auxilia ao referendar o que disse sobre a influência do positivismo na educação brasileira, ao discorrer que

> "*coube à educação a tarefa de auxiliar a formação de novos hábitos, da mente e do caráter, disseminando novos padrões morais e intelectuais, visando à construção de uma unidade*

[7] COMTE, Auguste. Curso de Filosofia positiva. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

[8] SILVA, João Carlos**.** Doutorando no Programa de Pós-Graduação da FE/UNICAMP, Campinas. Professor no Colegiado de Pedagogia/UNIOESTE, Cascavel. Membro pesquisador do Grupo de Pesquisa HISTEDBR – GT Cascavel.

> *nacional em torno do projeto republicano. Os positivistas, no mesmo instante em que mostravam um profundo desencanto com o passado, afirmavam um novo encanto com a ciência, como passo decisivo, na construção de um novo mundo. Reformar denotava desembaraçar aquilo que atrapalhava o entendimento humano. Tinha de fato o sentido de reconstruir, reparar, mudar, alterar, formar de novo, enfim, refundar os princípios que norteavam a sociedade. Visava suprimir, extirpar aquilo que já não servia à vida."*

Vou mais além, atrevo-me a dizer que os positivistas lá no fundamento da república brasileira, deslocaram estrategicamente a preocupação com a transformação das estruturas sociais e fizeram da educação, o fator responsável pela modernização da sociedade. Ou seja, a educação foi e tem sido utilizada como ferramenta do poder vigente.

Evidenciam-se aí os motivos pelos quais os conteúdos programáticos das disciplinas que contemplam as chamadas filosofia e história da educação, nos dias atuais, não se aprofundem nessa temática. Parece que tudo está implícito e de fácil compreensão, portanto, não merece destaque.

Comte não escreveu sobre educação, é claro! Ele formulou uma concepção de homem, educação e sociedade. Para ele, a educação, instrumento de poder, calcava-se no conteúdo moral, com uma forte capacidade de moralização, formação para o trabalho e estabelecimento de regras de convivência social. Para os positivistas o mal não estava situado no campo material, ou econômico, mas exclusivamente no campo moral. Somente uma ação pedagógica seria capaz de reformar a educação e, favorecer na construção de um país sem mácula. A educação deveria se ater ao universo feminino. Não se entenda, nessa passagem, qualquer lastro com possível discriminação de gênero, pelo contrário, há sim, um profundo respeito ao que se pode fazer, quando o cuidado materno possa ser transferido ao sentido de educação, no tocante à transmissão de valores que invocam a cidadania, a capacidade de conviver.

Silva [s.d] novamente dá pistas sobre o universo feminino no campo da educação, ao detectar em sua investigação sobre o positivismo que a educação, para aquele grupo de grande influência na formação de um Brasil republicano, era

> "*essencialmente uma tarefa doméstica, considerada formal, dado seu aspecto de formação moral que deve assumir. A educação, enquanto processo formativo estava no ambiente familiar, a partir da transmissão do altruísmo dos sentimentos. A idéia de escola pública naquele momento significava acima de tudo formar almas, havendo a necessidade de conquistar cabeças e corações especialmente de crianças e jovens*."

O grupo de estudantes, cujas bocas, até aquele momento, digladiavam-se entre teoremas, métodos, técnicas e as fontes primárias e secundárias, sem se

aterem ao nosso diálogo, calaram-se. Aquela exposição de motivos, fundamentada bem aos moldes positivista republicano, era digna de audição.

O professor continuou o discurso, numa clássica aula descritiva, mas os pensamentos diante daquela fala, eram todo *sinapses*.

- Eu, você, nós somos treinados no Brasil, à revelia do que efetivamente seja educação. Educar é também saber fazer! Uma rua de mão dupla entre ensinar e aprender, por isso fiz a analogia com o trânsito, quando lhe respondi em que velocidade dirijo os meus planos de aula.

  Insisto em dizer que as questões que envolvem a educação são políticas e encontram-se encravadas no cerne dos conteúdos ministrados.

Vejamos então os nossos ministeriáveis que você estratificou como juristas, economistas, engenheiros e médicos. Se analisarmos os pensadores que transitam pelos estudos a eles impingidos nos cursos de direito, economia, engenharia e medicina, enfim em todas as graduações teremos os mesmos pensadores positivistas: Adam Smith, Rousseau, Voltaire, Montesquieu, John Locke, Isaac Newton, William Harvey, Descartes, Durkheim, Kant...

Convidemos Kant e um excerto de seu livro "*Sobre a Pedagogia*". Ali a educação é reconhecida como uma função social. O cuidado com a disciplina, indispensável para que a educação cumpra seu papel, é um fator negativo, no sentido de que tira o indivíduo de seu estado bruto. É positiva, no sentido de intervenção, do poder que a educação tem sobre o indivíduo. Durkheim retoma esse tratado, dentro do positivismo, para repaginar a função da educação com fórmula de consolidação do Estado burguês. A burguesia, no século XVIII, como classe revolucionária, representou os anseios do povo contra o poder absolutista e feudal. No século XIX, de classe revolucionária, a burguesia passa à classe conservadora para se consolidar no poder. Abandonam-se as conquistas anteriores de uma racionalidade humanista, de liberdade do indivíduo, no sentido de sua emancipação como sujeito. Os ideais de liberdade, cidadania, autonomia tem um limite, o limite da ameaça que pode representar à ordem social burguesa. O conservadorismo, aqui representado pelo positivismo de Durkheim , percebe na educação, não mais um projeto de autonomia, mas de integração do indivíduo à ordem social burguesa.

No Brasil, Rui Barbosa, representante do positivismo e influente pensador e político da primeira fase da república, postulou a reforma do ensino primário e é, com esse viés concreto, que mesmo nos dias atuais, caminhamos com o discurso, construir um país melhor para se viver, sob o lema "*ordem e progresso*". Um olhar mais atento poderá vislumbrar os rastros deixados por Barbosa, até hoje nas Leis que vigoram sobre educação no país.

Pois bem, relembremos Barbosa (1947)[9] ao diagnosticar os currículos de países como Prússia, Saxônia, Áustria, Holanda, Itália, Canadá, Estados Unidos e Rússia, no tocante à formação do professorado, concluiu que

> "*O intuito da escola normal, já o dissemos, está em habilitar para a prática real da educação. O programa da escola normal, portanto, há de ser modelado pelo programa da escola primária. Cumpre que as professoras dos jardins de crianças, tanto quanto as das escolas primárias, sejam adstritas a cursar um ensino normal, e a passar por exames, que confiram o diploma de capacidade.*

O método escolhido por Barbosa como diretriz de ensino ao professorado foi o Froebel, considerado hoje o reformador educacional mais completo do século XIX. Vem daí a idealização dos dons e a influência divina no saber; a sistematização (fragmentos) do ensino; o uso de técnicas construtivistas; o brinquedo como material didático na educação infantil; o significado da família nas relações; restrição nas medidas, visão espacial limitada a objetos como bola, cubo e cilindro. E mais, a visão feminina na educação. Nesse sentido vejamos esse excerto:

> *Era meta do educador a formação de mulheres, chamadas de jardineiras, para que pudessem trabalhar com as crianças. Ele acreditava que as mulheres eram naturalmente dotadas de todos os pré-requisitos necessários para a realização da educação. Elas cuidavam das crianças tal qual se cuida de um jardim. Essa mulher devia ser também mãe, símbolo do afeto e do cuidado. Froebel dava grande importância à família. As jardineiras tomavam a frente de todo o processo. Sua proposta se expandiu por inúmeros países, e levou contribuições para a Alemanha, Ásia e América. A educação para Froebel era enxergada como ponto crucial para o desenvolvimento da sociedade capitalista*.[10] (AMUDE e SILVA, 2008) grifo nosso

Em suma, com o auxílio de Janine (2001) temos que

> "*A democracia moderna, é o regime político do desejo dos direitos humanos, enquanto a república é o regime da vontade e da ética. Em ambos os regimes temos como atores os cidadãos, que, na democracia, constituem o povo, na república, as elites responsáveis pela res publica, pelo patrimônio e o interesse público*."

---

[9] BARBOSA, Rui. Obras completas de Rui Barbosa : reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947, vol. X, 1883 Tomo III, p. 96.

[10] AMUDE, Amanda Mendes e SILVA, Gescielly Barbosa. Os jardins-de-infância – um estudo sobre a formação do ser humano a partir dos postulados de Friedrich Froebel. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v.11, n.2, p.168-172, maio/ago. 2008.

- Quem sou eu para discutir filosofia e sociologia, meu campo é pedagógico e mesmo assim, não sou chamado para as discussões. Nos trabalhos que vocês, estudantes desenvolvem, sou um cenário em que os principais atores são sempre as crianças, os jovens e a escola. Como tal, me apontam como o responsável pela disciplina, pela organização dos conteúdos, pelo discente.

Uma voz ao fundo ratificou os dizeres do professor. Era um estudante, daquele mesmo grupo presente na sala de aula desde o início de minhas interjeições:

- Você tem razão! Desenvolvo uma dissertação em que meu orientador preocupa-se mais com os métodos e técnicas que utilizarei, a coerência com as linhas de pensamento que desenvolvi no 'estado da arte', que efetivamente com os resultados que obtenho em campo. Mais interessante, é que o professor, como parte do processo de pesquisa, só é chamado como respondente aos formulários elaborados por nós. Não analisamos os planos de aula, não acompanhamos o cotidiano do professor. Não lemos o que ele lê enquanto docente em sala de aula, mas questionamos as suas práticas, com teorias prontas, distantes da realidade.

O professor continuou:

- Numa sociedade republicana há que existir um culpado e esse, deve ser concreto, de carne e osso, para que lhe seja imputado alguma pena, algum grilhão. O bem público deve ser defendido e a educação é um bem público. O erro deve ser visto como culpa e, ritualizado através de punições concretas, que permitam ao interessado, o cidadão, respostas rápidas. Se o ensino vai mal, alguém deve ser penalizado. A educação deve seguir o traço da racionalidade. E os erros devem ser imputados ao professor, os acertos ao sistema.

Inebriada com pertinentes colocações, conclui que o cuidado na educação requer análise despojada de dogmas e teorias prontas. Requer cuidado na observação.

Não poderia deixar de buscar em Freire (1999), o melhor sinônimo para o cuidado em educação: resiliência. O ato de ensinar, segundo esse mesmo autor exige a consciência do incompleto. O cuidado na educação requer visão dialética, a experimentação do confronto realmente tenso entre autoridade e liberdade, medindo-se, se avaliassem e fossem aprendendo a ser ou a estar sendo elas mesmas, na produção de situações dialógicas. Por isso é necessário que ambas se convertam cada vez mais ao ideal do respeito comum somente como podem autenticar-se. É vivendo criticamente a minha liberdade de aluno que me preparo para assumir ou refazer o meu exercício de autoridade de professor. Mas sabemos das dificuldades para se atingir a essência do saber fazer em educação, com cuidado.

Então voltemos à fala do professor, que com propriedade usou o verbo incitar, ao referir-se ao aluno instigando-o a ultrapassar certos limites, para os quais ele não foi preparado academicamente. E isso é uma grande verdade! Vive-se mais na fase adulta que nas outras. A fase adulta é um período de descobertas díspares das que se processam na infância e na adolescência.

O cuidado preconizado pelos grandes teóricos *grosso modo* inclui o professor como sujeito da ação. Um ser implicado no universo infantil como orientador, no mundo adolescente, cerceador, na fase adulta, um garantidor, e por último para o idoso como um facilitador.

O professor trabalha com pessoas em constantes transformações. A criança passa por mutações no crescimento corporal e intelectual envolvendo graduais mudanças de comportamento e aquisição das bases de sua personalidade. Já o adolescente passa por crises de identidade e de personalidade. Silencia-se diante da incompreensão manifestada pelo adulto, desequilibra-se na enxurrada de novas emoções volvendo-se contra a ordem estabelecida ou ainda, refugia-se nos chamados *grupos* de amigos, ou *tribos*.

É na fase adulta que ocorrem as grandes conquistas desejadas na vivência das duas anteriores (infância e adolescência), conforme segue:

a) Autonomia
   - carreira e trabalho:
   - escolha da profissão
   - trabalho:
   - centralidade do trabalho;
   - definição da identidade;
   - características do trabalho:
   - instabilidade;
   - insegurança;
   - acúmulo de funções;
   - vários segmentos de trabalho.
   - desemprego;
   - desvinculação, falta de pertencimento.
b) relações amorosas
   - individualidade *versus* conjugalidade:
   - reciprocidade;
   - modos de relação:
   - casamentos;
   - recasamentos;
   - relações homo-afetivas;
   - famílias chefiadas por um dos genitores;
   - novos papéis de homens e mulheres;
   - Seprações;
c) Parentalidade
   - processo de se tornar pai e mãe;
   - consciência de não ser só um casal;
   - acúmulo de tarefas;

Como esperar que um sujeito em meio a tantas transformações e responsabilidades, limitados direitos e amplos deveres, possa atuar diante de jovens que passem por experiências, já vividas e que, dependendo das escolhas, terão resultados certos e esperados. Para o adulto torna-se enfadonho a lida com repetições que não sejam pessoais, pois a passagem ao ato, termo psicanalítico, será do outro, num momento que talvez ele, o professor, não esteja presente para intervir positiva ou negativamente. Enquanto para os jovens torna-se inigmática a incompatibilidade do adulto, aqui representado pelo professor, diante de suas descobertas, de seus desafios, dos conflitos.

No ir e vir da história da educação deparamos com teorias diversas, dentre elas chama-me a atenção a dos objetivos educacionais, mais conhecida como Teoria de Bloom. A construção do saber se faz através de arranjos cerebrais que possibilitem o sujeito respectivamente conhecer, compreender, aplicar, analisar, ser capaz de sintetizar e de avaliar. Em educação, síntese e avaliação são importantíssimas e denotam capacidade elevada de *sinapses* desde que sejam vistas como parte integrante do ensino e não como acerto de contas entre professores e alunos. Não basta resumir, é preciso sintetizar com conteúdo. Avaliar não é punição, é resultado de análise.

Libânio[11] assume que "*educadores, tanto os que se dedicam à pesquisa quanto os envolvidos diretamente na atividade docente, enfrentam uma realidade educativa imersa em perplexidades, crises, incertezas, pressões sociais e econômicas, relativismo moral, dissoluções de crenças e utopias*." As decisões no front ou seja, em sala de aula, têm que ser tomadas de modo imediato e pontual.

É preciso rumo, diretrizes claras que conduzam o professor ao seu mister, constituir sujeitos e identidades, quiçá um hibridismo, quem sabe? Certo ou errado, Barbosa nos áureos tempos da proclamação da nossa república indicou o caminho à nação, ao definir a diretriz para o ensino. O marco era *letrar* o país utilizando-se de referências provenientes de outros países, mais desenvolvidos e, que obtiveram resultados positivos. Pretendia-se posicionar o Brasil em pé de igualdade aos países desenvolvidos à época, tendo a educação como política. Esse cuidado não vimos nas disposições legais relativas à educação, vigentes na atualidade.

Hoje temos *know how* para produzirmos nossos próprios métodos, mas insistimos no *copyrigh*. E pior, não nos damos ao trabalho de ajustá-los às nossas realidades. É mais fácil copiar!

A política nacional brasileira para a educação é fragmentada. Por um lado a educação Infantil "*tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade" (art. 29 da LDB). A Política Nacional de Educação Infantil parte dessa finalidade para estabelecer*

---

[11] LIBÂNEO, José Carlos. As teorias modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na educação. [s.n.t]

como uma de suas diretrizes a indissociabilidade entre o cuidado e a educação no atendimento às crianças da Educação Infantil" (BRASIL, 2006)[12].

Aos professores e os demais profissionais que atuam nessas instituições na fase infantil, cumprem valorizar igualmente atividades de alimentação, leitura de histórias, troca de fraldas, desenho, música, banho, jogos coletivos, brincadeiras, sono, descanso, entre outras tantas propostas realizadas cotidianamente com as crianças.

Nada de novo, pois Barbosa já havia previsto isso quando optou por Froeber. O ponto afirmativo de Barbosa foi ter tido a coragem de nomear o método com o qual pretendia atingir o alvo estabelecido à época.

Por outro, sinaliza como importante o papel da educação na sociedade tecnológica[13], direcionando a formação do aluno tendo como foco principal a aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação do futuro profissional ao mundo do trabalho.

> "*Disciplina, obediência, respeito restrito às regras estabelecidas, condições até então necessárias para a inclusão social, via profissionalização, perdem a relevância, face às novas exigências colocadas pelo desenvolvimento tecnológico e social. O desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização. O novo paradigma emana da compreensão de que, cada vez mais, as competências desejáveis ao pleno desenvolvimento humano aproximam-se das necessárias à inserção no processo produtivo*."

Ao se apreciar as transformações pelas quais adultos passam, e aqui tendo como exemplo o professor, nota-se que é preciso desenvolver competências cognitivas e operacionais com a utilização de ferramentas atuais e cotidianas, de modo a aproximar os professores à realidade de seus alunos, no contexto contemporâneo. Um novo paradigma de aprendizagem que preconize o saber fazer, no lugar do aprender a fazer.

Diante desse quadro, a chave do cuidado na educação, sob o ponto de vista do professor esteja no saber refazer. Centra-se aí a criatividade exigida em lei e pouco explicitada nos bancos de escola. A capacidade de encontrar novas soluções para o mesmo problema, eleva as sinapses aos níveis de análise, de síntese e de avaliação.

---

[12] BRASIL. Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação- Secretaria de Educação Básica, 2006.

[13] BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

Todo o esforço até então enxertado na educação em favor do aluno, nos permitiu, quando muito, iniciarmos o processo de compreensão sobre a importância do cuidado na educação.

Nesse instante ouvi uma sineta. Curiosamente, não havia prestado atenção nos sons daquele local. O ruído do corredor lembrou-me que estávamos em uma escola. Imediatamente, como se por encanto, toda a filosofia desaparecera e o professor pediu-nos, educadamente, para que nos retirássemos da sala de aula.

Os estudantes fizeram anotações, coletaram nossos nomes, nível de escolaridade, idade, ficha completa...

Quando fiz a intervenção naquela sala de aula, não sabia que o professor era o alvo das pesquisas daquele grupo. O pensador, como passei a chamá-lo, encontrava-se, no momento da minha chegada, exaurido em pensamentos, por isso aquele distanciamento aparente.

Feito o pedido o professor despediu-se de todos. O sinal alertara-lhe para o fim do expediente naquela escola.

Pela janela do corredor, pude vê-lo a passos largos romper o portão. A pressa era necessária. Uma sala de aula o esperava em outra escola. Lá, o expediente iria até às 22h30min. No dia seguinte, tudo recomeçaria na primeira hora da manhã.

O grupo agradeceu-me pelo *dedo de prosa*. Recolhi-me à significância do momento e observei que naquela mesma sala de aula, palco de nossas discussões sobre os rumos do cuidado na educação, rostos cansados outros afoitos por novos desafios, acomodavam-se nos bancos desconfortáveis, diante de um outro professor. Era o ensino para jovens e adultos, outra política da fragmentação do ensino, resquícios de tempos passados, um meio de manter o compasso junto aos que não tiveram oportunidade ou desistiram e a exigência do mercado de trabalho, os forçou a retornarem àquele espaço.

Embora longo, o passeio histórico conduz à reflexão sobre o cuidado na educação sob dois pontos de vista:

a) O primeiro envolve aqueles que fazem política em educação. A meta do governo, ainda hoje envolve a máxima republicana '*ordem e o progresso'*, porque o país ainda não ultrapassou os limites entre *encontrar-se em desenvolvimento* e *estar desenvolvido*, portanto há que se trabalhar com estatísticas, com pesquisas quantitativas. Em 1889 tínhamos 62,7% da população analfabeta, hoje com 9,7%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, um montante de 14 milhões de representantes nesse nicho.

No Brasil de hoje, o primeiro passo para esse empreendimento foi alçado no Governo Fernando Henrique Cardoso, ao se estipular 295 (duzentas e noventa e cinco) metas e um diagnóstico complexo sobre a educação. Atualmente,

ainda sob o crivo do Congresso, o alvo são 20 metas, quase todas quantificáveis e com a promessa de erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos. Somente em quatro das vinte, fala-se em valorização da docência e nas demais reforça-se a necessidade do investimento em 7% do Produto Interno Bruto (PIB) para a educação.

Esse pouco zelo, ou ausência de cuidado na educação pode ser traduzido como sendo a transcrição superficial do que seja alfabetização. Na verdade, o que se pretende é o ensino do alfabeto e sua utilização como código de comunicação. Abrir escolas, bolsa educação são sinais claros de que o cuidado que se tem na educação, sob esse ponto de vista é eminentemente conservador e pouco criativo.

b) O segundo envolve aqueles que fazem a educação no país. A docência sempre foi vista como trabalho doméstico, como ferramenta política. A passagem para profissão requererá mais que a exigência de nível universitário, mas postura profissional. Ainda hoje se ouve que a docência é um sacerdócio, portanto vincula-se a dom, ou seja o discurso ainda povoa as questões salariais e a valorização do ofício. O cuidado nesse caso deve seguir o acompanhamento dos dados estatísticos para compartilhamento de ações entre os pares, análise, capacidade de síntese para se atingir o interlocutor (o aluno) e avaliação para a checagem do que se pretendeu ensinar. Aí utilizaremos mais uma vez Bloom, na tentativa de posicionar o docente como um sujeito formador de opinião. Sim, o cuidado na educação sob esse ponto de vista, indica a descoberta do real papel do docente, educador, facilitador, o que queiram chamar, como formador de opinião.

Esse é o movimento transformador, conscientizar-se do que queira a política vigente, articular-se para em conjunto se atingir as metas estabelecidas e por último cobrar, esse é o verbo, já com uma massa crítica formada, a valorização da profissional.

Cuidado na educação é conscientizar-se do papel a ser desempenhado no cenário sócio-político e econômico do país. Enxergar no nebuloso estratégias possíveis para melhorar o ensino e a conexão intergeracional! E por mais que nos pareça ultrapassado esse discurso, travestido de indisciplina, ter coragem de impulsionar transformações, curiosidade na descoberta, arriscar-se e por fim aprender em conjunto, não com junto ou junto. Certificar-se de que somos um conjunto de indivíduos, denominados elementos, conforme preceitua a Teoria Ingênua dos Conjuntos, do século XIX e combinar com o pensamento ainda vigente no Brasil do século XXI.

3 CONSIDERAÇÃO FINAL

A integração entre as disciplinas e a elevada autonomia do docente frente à disciplina são problemas graves detectados na metodologia tradicionalista de ensino. E, ainda que, a ferramenta Matriz Curricular Nacional traga no cerne o conceito de transdisciplinaridade, muito distante se vê essa nebulosa, quando muito, diante da boa vontade de um ou outro educador para que a sua disciplina possa ser compreendida como aplicável no espectro do trabalho investigativo.

Com o uso da chamada “pedagogia da transmissão”, entendida como método de ensino que privilegia a construção individual dos saberes e não estimula compreensão articulada dos conteúdos, o ensino caminha de maneira bastante letárgica.

Assim a educação que quero caminha pela introdução da metodologia de ensino ativa de Aprendizagem Baseada em Problema no fazer educacional de ofício.

Como a Aprendizagem Baseada em Problemas basicamente é um método com foco nos problemas reais e cotidianos espera-se despertar no educando o desejo de desenvolver o pensamento crítico e as habilidades necessárias para a solução de problemas. Com isso os educandos adquirirão conhecimento sobre os conceitos essenciais da área de investigação, relação diretamente ligada ao que Ausubel definiu como aprendizagem significativa e o que se espera da educação corporativa. Por conta dessas características insere-se no grupo das metodologias ativas. O mais interessante quanto ao uso dessa metodologia é que ela permite a convivência harmoniosa entre as várias teorias educacionais e as operacionaliza na forma de um conjunto consistente de atividades.

Muitos estudiosos sobre o tema, segurança pública, poderão se arvorar em dizer que algumas atividades educacionais, menos exploradas no modelo tradicional, como sendo exemplos de Aprendizagem Baseada em Problemas, tais como o trabalho educacional focado em projetos ou pesquisa. Porém, no caso da Aprendizagem Baseada em Problemas o problema é um fim aberto, não comportando uma única solução correta, mas uma (ou mais) melhor solução uma vez consideradas as ameaças impostas pelo próprio problema ou mesmo pelo contexto que conduz o nível de aprendizagem em que se encontra inserido. A autonomia mencionada na Aprendizagem Baseada em Problemas refere-se ao compromisso com a aprendizagem do educando por parte das equipes. E o que outrora se dava de maneira exclusivamente individual se converte para o trabalho que pode ser tanto individual quanto em equipe, mais coerente com o que se espera do trabalhador nos dias atuais.

Na prática, a Aprendizagem Baseada em Problemas consiste na apresentação de um problema aos educandos que, em equipe, organizam suas ideias, como tentativa de solucionar o problema, sempre tendo por base o conhecimento que

já possuem, com isso avaliam instintivamente o seu conhecimento e definem a natureza do problema; através de discussão, os educandos relacionam o que não compreendem e o que definem saber sobre o problema e, sobretudo, o que não sabem a respeito do problema; os educandos priorizam as questões de aprendizagem levantadas pelo grupo e planejam **quando, como, onde** e **por quem** estas questões serão investigadas para serem posteriormente partilhadas com o grupo; ao se reencontram em sala de aula ou fora dela, exploram as questões de aprendizagem anteriores, integrando seus novos conhecimentos ao contexto do problema, esse movimento pode inclusive definir novas questões de aprendizagem à medida que progridem na solução do problema; e depois de terminado o trabalho com o problema, os alunos avaliam seus pares e a si mesmos de modo a desenvolverem habilidades de auto avaliação e avaliação construtiva de colegas, imprescindíveis para uma aprendizagem autônoma eficaz.

Todo esse movimento segundo RIBEIRO (2003) e GIJSELAERS (1996) alterna o papel primordial do educador no sentido de que ele passará a orientar os grupos, dando apoio para que a interação entre os educandos seja produtiva e ajudando-os a identificarem o conhecimento necessário para solucionar o problema em questão. Assim, passo a passo, os educandos se responsabilizarão por sua aprendizagem, de modo a satisfazer suas necessidades individuais e perspectivas profissionais com coerência às metas institucionais.

Aos acadêmicos cabe reconhecer a insuficiência dos subsídios que têm podido aportar à prática e a disposição para superá-la, assumindo a reciprocidade como princípio norteador de sua missão, como formadores de educadores.

Infelizmente no Brasil há pouca produção acadêmica referente à produção de recurso didático utilizado pela docência no espaço escolar e, as legislações existentes vinculadas ao tema, enfatizam a educação básica. Por conta disso, escolas que atuam no campo do ensino profissionalizante e de ‘ofício’, incluindo-se as escolas, sem diretrizes, mantém o modelo instrucional como única ferramenta de transmissão de informação e conteúdo. Esse modelo tem pouca ou nenhuma participação do professor, educador ou instrutor, em sendo assim, não são utilizadas estratégias colaborativas, por ser autoexplicativo, com textos produzidos de forma dialógica e elementos gráficos, que não devem ser confundidos com mapas cognitivos. E ainda, se para completar o pensamento, o aluno permanecer no processo passivo, a possibilidade de questionamento é nula por se tratar de material sem espaço para esse tipo de mediação.

A ABP colabora para as seguintes aprendizagens:

- Aprendizagem ativa – Deriva da discussão de problemas e da formulação de soluções fundamentadas.
- Aprendizagem integrada – Decorre da necessidade de mobilizar distintos campos do conhecimento (áreas + subáreas) ao formular soluções fundamentadas.
- Aprendizagem cumulativa – Ocorre mediante a discussão de problemas gradualmente mais complexos até atingir aqueles geralmente enfrentados por profissionais iniciantes.
- Aprendizagem para a compreensão – (ao invés de parar a retenção de informações) mediante a alocação de tempo para reflexão, feedback frequente e oportunidades para praticar o que foi aprendido.

4 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABNT, *Normas sobre documentação*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2001

ALBERGARIA, Jason. *Criminologia*: (teoria e prática). 2.ed. Rio de Janeiro: Aide, 1988. 349p.

ANIYAR DE CASTRO, L.. *Los rostros de la violencia*. Maracaibo: Centro de Investigaciones Criminologicas, Universidad de Zulia, 1974.

ANIYAR DE CASTRO, L.. *Victmologia*. Venezuela: Universidad de Maracaibo. 1969.

ANTUNES, C. *Relações interpessoais e auto-estima*: a sala de aula como um espaço do crescimento integral. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

AZEVEDO, J.M.L de. *A educação como política pública*: polêmicas do nosso tempo. Campinas: Autores Associados, 2004.

BLOOM, B.S; HASTINGS, J; MANDAUS, G.F. Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar. São Paulo: Pioneira, 1983.

BOUFLEUER, J. P. *Interesses humanos e currículos*: paradigmas, tendências ou dimensões? Educação e realidade. Porto Alegre: FACED- UFRGS, v. 18, n. 2,, jul. – dez. 1993.

BOURDONCLE, R (1993) *La professionnalisation dês enseignants: des limites d'un mythe, Révue Française Pédagogique*, n. 105, p83-119

BRASIL. Ministério da Educação. *Educação Profissional – Legislação Básica*. Brasília: SEMTEC 2001.

BRASIL. IBGE. *Síntese dos indicadores sociais*, 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico*. Brasília: SEMTEC 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei nº. 5.692*. Fixa Diretrizes e Bases da Educação Nacional.Brasília, 11 ago.1971.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei nº. 9.394*. Fixa Diretrizes e Bases da Educação Nacional.Brasília, 20 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei nº4.024*. Fixa Diretrizes e Bases da Educação Nacional .Brasília, 20 ago.1961

DEMING, W. E. *Qualidade: a revolução da administração*. Rio de Janeiro: Marques-Saraiva, 1990.

DINIZ, Alexandre M. A. Migração, Desorganização Social e Violência Urbana em Minas

Gerais. *Revista Ra'Ega*. Curitiba: n.9, p. 09-23, 2005a.

DINIZ, Alexandre. M. A.; CHAVES, Paulo. G. S.; COSTA, Patrícia L.; LOPES, Simeão; BATELLA, Wagner B.; TEIXEIRA, Ana Paula; RODRIGUES, Bruno D. *O uso do geoprocessamento no estudo da criminalidade violenta em Minas Gerais. Criminologia* - Núcleo de Estudos em Segurança Pública e Pesquisa - NESPP, Belo Horizonte, v. 1, p. 17-34, 2006.

DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociedade*. São Paulo, Melhoramentos, 1978, 11ª ed.(traduzido por Lourenço Filho em 1929)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*: um reencontro com a pedagogia do oprimido". Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992. 9ª edição

FRIEDBERG, Erhard. Organização, *Tratado de Sociologia*.[s.d]

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

HABERMAS, J. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

HABERMAS, J. *Passado como futuro***.** Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1993.

HERNÁNDEZ, Fernando*. A organização do currículo por Projetos de Trabalho.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

HOAUISS. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

MORIN, Edgar.(2004) *A Cabeça bem-feita*: repensar a reforma reformar o pensamento. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro.

RIBEIRO, Renato Janine (2001). A Democracia e de A República. São Paulo: Publifolhas, Coleção Folha Explica, 2001. Publicada em Folha de S. Paulo, Mais!, 9 de dezembro de 2001, com o título "A Fórmula Ética do Desejo".

ROPÉ, Françoise & TANGUY Lucie, *Saberes e Competências – O uso de tais noções na escola e na empresa*. Campinas: Editora Papirus 1997.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Globalização e Interdisciplinaridade*: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SAVIANI, D. *A nova lei da educação*: trajetória, limites e perspectivas. Campinas: Autores Associados, 2001.

SAVIANI, Dermeval. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007

SAVIANI, Dermeval *Pedagogia histórico-crítica*: primeiras aproximações. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. 35. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2002.

SCHON, D. A. (1983) *The reflective practitioner*, New York: Longdam.

WEBER, Max. *A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Abril. 1985, 179-233.

YUS, Rafael. *Temas Transversais em busca de uma nova escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BOOKESS +EDUCAÇÃO

A campanha "Que Educação quero para o futuro"
é organizada pela Bookess Editora e SBS Livraria Internacional,
por meio de seu programa SBS +Educação.

www.sbs.com.br/sbsmaiseducacao

www.bookess.com/sbsmaiseducacao

SBS livraria internacional

www.sbs.com.br